

# Qual foi o objetivo desta guerra de Gaza?

**Edo Konrad**

Com o anúncio de um cessar-fogo egípcio na noite de domingo, os analistas israelitas têm sido rápidos a saudar a campanha “harmoniosa” do primeiro-ministro interino Yair Lapid e do ministro da defesa Benny Gantz como um sucesso. Depois de deter violentamente Bassam al-Saadi, um líder sênior da facção do movimento Jihad Islâmico na Cisjordânia ocupada, o exército israelita encerrou as comunidades fronteiriças em redor de Gaza durante quase meia semana, em antecipação a um alegado ataque de retaliação. Começou finalmente a lançar ataques aéreos na Faixa de Gaza, aos quais os militantes palestinos responderam com ataques de foguetes. A escalada deixou 44 palestinos mortos, incluindo 15 crianças, e mais de 350 feridos.

Lapid e Gantz, que alegadamente lançaram a operação sem o necessário consentimento do gabinete de segurança, ganharam elogios pelo preço relativamente baixo pago pelos israelitas nesta última vaga de violência, bem como pelos ataques rápidos e “pontuais” contra os comandantes-chave da Jihad islâmica dentro da faixa. Para além de uma série de protestos de palestinos e esquerdistas israelitas por todo o país, o público israelita, que beneficia largamente do status quo de cerco interminável e do domínio colonial, saudou um ataque que parece ter feito pouca diferença no terreno.

No entanto, apesar dos elogios aos líderes de Israel, as histórias que saíam de Gaza, onde dois milhões de palestinos, muitos deles refugiados Nakba, vivem em condições intoleráveis, eram quase impossíveis de suportar. Foram difundidas imagens de corpos de crianças carbonizadas, edifícios demolidos e centenas de pessoas a fugir das suas casas com os seus bens mais valiosos às costas. Os residentes de Gaza, muitos dos quais ainda se estão a recompor após a última guerra de Israel na Faixa de Gaza, em maio de 2021, terão de enterrar os mortos e tratar os feridos, com um futuro em que a violência é quase garantida.

O assalto de três dias fez eco de outra operação israelita em 2019: o assassinato

do comandante da Jihad Islâmica Baha Abu al-Ata, que morreu durante o sono em casa. Na altura, escrevi que o antigo primeiro-ministro Benjamin Netanyahu tinha iniciado o assassinato como uma “via de fuga dos seus pântanos políticos ou legais”. Desta vez, foi Lapid que parecia estar à procura de uma imagem de vitória, talvez numa tentativa de queimar as suas credenciais de linha dura antes das eleições israelitas. O resultado foi uma ofensiva não provocada contra uma população civil cujas vidas são em grande parte ditadas pelos caprichos do aparelho de segurança israelita.

É assim que o establishment militar e político de Israel prefere gerir as coisas. Gaza, em muitos aspetos, tornou-se a versão mais extrema do projecto de “bantustanização” de Israel na Palestina. Em vez de ter de gerir diretamente milhões de palestinianos, a lógica do apartheid israelita exige que os vários enclaves nos territórios ocupados permaneçam de certa forma autónomos, mantendo ao mesmo tempo o poder supremo de controlar e intervir nos seus assuntos no interesse de Israel.

Como resultado, enquanto na Cisjordânia, Israel subcontratou grande parte das suas tarefas de segurança a uma Autoridade Palestiniana enfraquecida e autoritária, em Gaza, um território quase hermeticamente vedado é controlado pelo igualmente autoritário Hamas.

Por mais contraditório que possa parecer, Israel não quer realmente derrotar o Hamas; precisa dele para manter o status quo, frustrando continuamente a possibilidade de unificação palestiniana enquanto impede um grupo ainda mais radical, como a Jihad Islâmica, de tomar o seu lugar. Israel lutará contra estes grupos palestinianos para os manter na linha e o seu sistema de controlo acabará por se manter em vigor.

Mas se for eleito em novembro, é provável que Lapid aprenda a mesma dura lição que os seus antecessores: que cada “vitória” militar em Gaza é pírrica, e que Israel, por toda a sua grandeza, não tem uma estratégia a longo prazo para a faixa que não envolva guerra incessante e derramamento de sangue. Nunca houve, nem nunca haverá, uma solução militar israelita para Gaza; a morte de combatentes e comandantes palestinianos apenas abre a porta a novas gerações de militantes endurecidos prontos a pegar na chama da luta armada.

Mais importante ainda, não há razão para acreditar que um povo inteiro a viver

sob a brutalidade de um cerco de 15 anos, e mais de sete décadas de espoliação, decidiu subitamente ceder aos seus senhores coloniais. Qualquer coisa que não seja desmantelar estas estruturas opressivas nada mais é do que um ajuste violento de um perigoso status quo.